

Os empresários querem ser ouvidos

Para o presidente da Federação das Câmaras de Comércio Exterior, João Augusto de Souza Lima, o empresário brasileiro tem de assumir, definitivamente, o seu papel histórico na economia do País, pois, em momentos de crise como o atual, os esquemas e equacionamentos oficiais, adotados quase sempre de forma unilateral, podem conduzir a novos fracassos. Ele manifestou essa opinião ontem, no Rio, ao participar do fórum latino-americano sobre exportação da I Semana Rio-Internacional.

"A Nação se prepara para en-

contrar o melhor caminho, a partir de 1983, no sentido de se tornarem menos dramáticos os efeitos negativos na sua balança comercial e balanço de pagamentos." Ao fazer essa observação, Souza Lima disse que "esta é sem dúvida a hora da verdade, mas a verdade a ser colocada com a participação ativa e decisiva do empresariado nacional".

Como expositor do fórum, Souza Lima assinalou ser preciso um relacionamento melhor com a área governamental por parte do empresário, através de efetiva partici-

pação em todo o processo. "Trata-se de questionar se as ações empreendidas pelos setores empresariais têm a devida correspondência na vontade política dos governos de executá-las."

Abrangentes

As chamadas "reuniões setoriais", na terminologia da então Alalc (Associação Latino-americana de Livre Comércio), que, na essência, formulavam recomendações para o crescimento dos acordos de complementação industrial, podem permanecer quando fossem caracterizadas pelo encontro

de empresários latino-americanos de um mesmo setor industrial. Em seguida à defesa dessa estratégia de comércio exterior, Souza Lima acrescentou que todas as demais reuniões seriam "encontros empresariais", convocadas pelos empresários dos distintos países.

Segundo Souza Lima, a partir daqueles encontros, os empresários manifestariam o tipo de cooperação que pretendiam empreender, dentro do variado leque de oportunidades da Aladi (Associação Latino-americana de Integração).